



MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: A CADEIRA DE BALANÇO

Raquel Lino

Sentada em sua cadeira de balanço, ela confundia as lembranças. Já não sabia distingui-las no tempo de suas ocorrências. A cadeira, assim como ela, tinha a idade que poderia ser atribuída a algumas vidas. Fora comprada numa loja de antiguidades, dessas lojas da Rua da República que vendem móveis usados, antigos.

Figura 1 - Imagem da Rua da República, na década de 1940.



Fonte: Rua da República João Pessoa PB - Bing imagens.

Era de madeira, marrom bem escura com assento de palhinha de cor amarelo claro e com um trançado que acolhia seu corpo e lhe transmitia segurança. Talvez tenha pertencido a uma ou duas famílias por longos 100 anos, pois suas molas já suspiravam os anos de trabalho forçado do balanço e dos ruídos ocos e gritos desesperados que evocavam as dores do tempo e do que presenciara dos dias solitários que se arrastavam intermináveis sem nenhum propósito e certeza de amanhã.

Figura 2 - Imagem da cadeira de balanço.



Fonte: Arquivo da Autora.



O balanço da cadeira; o calor que se tornara insuportável ao avançar dias adentro o verão e as noites mal dormidas, visitadas por sonhos outrora vividos nos dias de liberdade infantil; o barulho dos carros que passavam em sua rua; as conversas dos vizinhos, que desavisados invadiam seus pensamentos, só amenizados pelo canto dos pássaros que serenam ao final da tarde, levaram a um dos dias mais intrigantes de sua infância.

Em uma caixa de papelão, onde guardava seus gibis cuidadosamente empilhados e arrumados por ordem de leitura, - esse tesouro adquirido com o ganho de seus pequenos trabalhos diários - dava-lhe o ingresso para mundos desconhecidos, cheios de aventuras, palavras novas, cenários e personagens que passaram a ocupar seus sonhos de, quando crescer, conhecer outras cidades, lugares e pessoas.

Sentada no chão, ela sorvia a brisa e o vento que chegam nos finais de tarde de intenso calor do cariri, esperando ansiosa se acender a luz do poste recém colocado com a chegada da luz elétrica.

O dia que chegara luz elétrica em seu bairro - periferia afastada e separada geográfica e socialmente pelo Rio Sucuru, da Várzea Redonda, outrora, quem sabe, tenha sido uma exuberante várzea de diversificadas plantações nativas -, ficaria em sua memória como acesso a um serviço que até então ela não entendia por que alguns tinham e outros não.

Figura 3 – Recorte de imagem de satélite da mancha rural de Sumé banhada pelo açude de mesmo nome e pelo Rio Sucuru, com destaque para o grupo escolar Escola Hugo Santa Cruz.



Fonte: Google Maps.

Agora, a luz dos candeeiros a querosene que sua mãe usava com refinada economia não seriam mais necessários. Geralmente lia às tardes, quando terminava suas tarefas relativas aos pequenos ganhos que rendiam alguns cruzados para a compra dos gibis, para dividir com sua mãe e comprar lápis, cadernos, sandálias, nessa ordem de importância.

Não comprava livros. Não sabia onde encontrá-los. Esses, ela os lia na pequena biblioteca da cidade, instalada em uma sala da Prefeitura. Lia tudo que estava à disposição, sem fazer nenhuma distinção ou seleção prévia.

Nos dias quentes de verão, seguiam-se noites de uma suavidade e luminosidade que penetravam em sua imaginação e ela sonhava em ser escritora.



Tomou seu chá da tarde, selecionou o livro para iniciar a leitura da semana, sentou-se em sua cadeira de balanço e sentiu o cheiro do milho assado na fogueira em noite de São João visitar suas memórias. Milho que seu pai debulhava e pacientemente transportava de sua mão para a dela em porções cuidadosamente quantificadas para ocupar o espaço de sua palma.

Ainda sentindo o calor dos grãos e o cheiro adocicado que exalava das espigas, um a um ela sorvia deliciosamente o sabor e a finitude daquele momento.

Sabia que o tempo se ia e ela nada de realizar seu sonho de escritora.

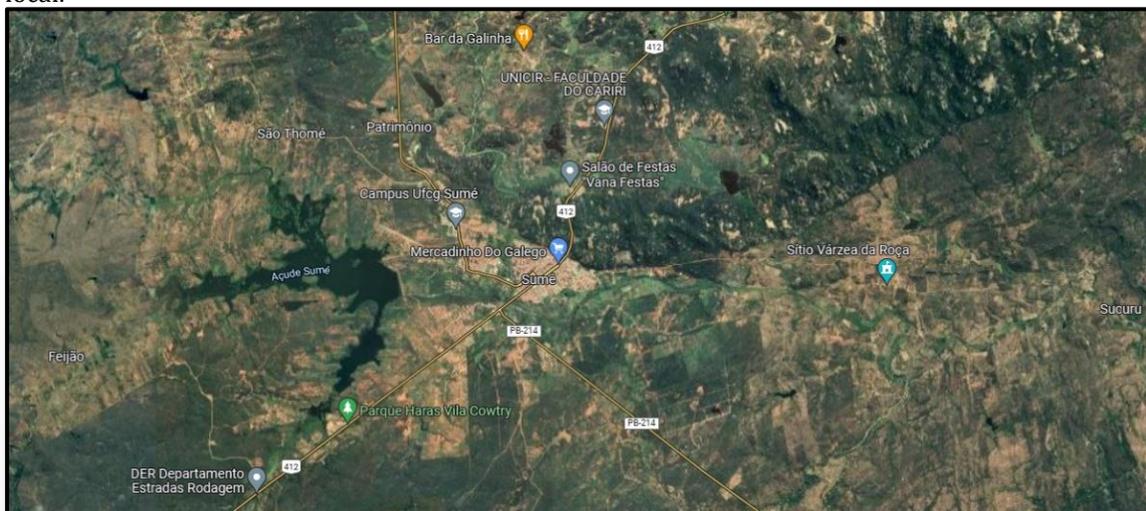
Então, decidiu gastar os dias que ainda lhe restavam para visitar sua infância, ao tempo em que solicitava amorosamente que suas memórias pudessem ser evocadas pelas doces lembranças que agora ocupam sua vida.

Seu pai era um homem alto, a quem os anos curvaram os ombros com o peso dos dias sofridos na luta do ganha pão. Não tinha profissão definida. Quem as tem nestes tempos de escuridão, quando mal se sabia assinar o nome?

Não possuía bens de nenhuma qualidade e, por fim, não possuía terra para se dizer camponês. Era uma vida severina! Quando muito, tinha um pequeno roçado para se dizer agricultor, para complementar o sustento da numerosa família de 11 filhos. Durante algum tempo, acreditou que podia ser um ato de generosidade de quem possuía terra, ceder-lhe uma nesga.

Atravessando os canais que irrigavam as plantações de tomate em lotes de colonização doados pelo governo militar às famílias que correspondiam aos seus interesses - na época da escura ditadura -, ela não entendia por que seu pai não fora selecionado, se naquela região era um dos mais necessitados.

Figura 4 – Recorte de imagem de satélite da mancha urbana de Sumé, com destaque para o açude local.



Fonte: Google Maps.

Esse evento moldou suas memórias, levando-a a profundas descobertas na fase de sua adolescência.

Ela se perguntava por que sua casa, que ficava na mesma rua empoeirada, e por que sua família numerosa não foram beneficiados por uma gleba de terra, se seu pai sabia exercer bem o ofício de agricultor.



No início da década de 1970, ela, que lia seus gibis (e essa é uma longa história) debaixo do poste na inocência da primeira infância, não sabia que a luz elétrica chegara para as famílias dos lotes. Ela achava ainda que era para ela ler e descortinar novos horizontes e mundos.

O tempo é o mestre do destino e só ele sabe para onde nos leva.

Até onde permitimos esta viagem, entrelaçada pelas condições e realidades onde nascemos.